



Aspectos sobre o viver e o morrer no pensamento de Montaigne

Leandro Dos Santos Amorim
Anor Sganzerla

Resumo: Da mesma forma que queremos manter uma “segura” distância da morte enquanto terminalidade da nossa vida, ela vem sendo referenciada e iluminada por diferentes perspectivas a fim de desmistificar certa névoa de mistérios que a rodeia. Neste sentido, o Ensaio “filosofar é aprender a morrer” de Montaigne, quer mostrar que a morte, em hipótese alguma, deve impedir a vida de ser vivida com intensidade. Nessa perspectiva, o filósofo irá diretamente revisitar e criticar questões que a rodeiam em sua contemporaneidade e ao mesmo tempo que alertava sobre a necessidade de uma educação para a morte e também para a naturalidade em entendê-la, pois, assim, temos a possibilidade de viver livremente sem as correntes da ideia de finitude.

Palavras-chaves: aprender; educação; filosofar; morte.

Aspects about living and dying in Montaigne's thought

Abstract: Just as we want to keep a "safe" distance from death as the end of our life, it has been referred to and illuminated by different perspectives in order to demystify a certain mist of mysteries that surrounds it. In this sense, Montaigne's essay "philosophizing is learning to die" wants to show that death shouldn't prevent the life from being lived intensely. In this perspective, the philosopher will directly revisit and criticize matters that surround it in its contemporaneity, at the same time, warning about the need for an education for death and for the naturalness in understanding it, because we have the possibility of living freely without the chains of finitude.

Key-words: learning; education; philosophizing; death.

Aspectos sobre vivir y morir en el pensamiento de Montaigne

Resumen: Al igual que queremos mantener una distancia “segura” de la muerte mientras terminalidade de nuestra vida, ella ha sido mencionada e iluminada por diferentes perspectivas para desmitificar una cierta niebla de misterios que la rodea. En este sentido, el Ensayo de Montaigne, "filosofar es aprender a morir", quiere mostrar que la muerte no debe impedir que la vida se viva con intensidad. En esta perspectiva, el filósofo revisará y criticará cuestiones al su alrededor en su contemporaneidad, y al mismo tiempo advirtió sobre la necesidad de una educación para la muerte y también para la naturalidad para entenderla, porque tenemos la posibilidad de vivir libremente sin las cadenas de la idea de finitud.

Palabras clave: aprendizaje; educación; filosofar; muerte.

1 Introdução

Falar da finitude é e sempre foi um grande tabu e não seria diferente quando pensamos em cuidados paliativos. O próprio termo “pálio”¹, que é oriundo do latim, representa algo que protege, cuida, cobrindo a pessoa de possíveis inconstâncias da natureza e também preparando o seu corpo ao que pode estar por vir.

¹ Sm. Ant. manto, capa, sobrecéu portátil, com varas, que se conduz cortejos caminhando debaixo dele a pessoa festejada XIV. Do latim pallium, pallobranuio/palliobranchio 1899.

Diz Cícero que filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte. É assim porque, de certo modo, o estudo e a contemplação retiram nossa alma de nós e ocupam-na separada do corpo, o que constitui certo aprendizado da morte e tem semelhança com ela; ou, então, é porque toda a sabedoria e a razão do mundo concentram-se, afinal, nesse ponto de ensinar-nos a não ter medo de morrer. Na verdade, ou a razão está escarnecendo de nós ou o seu objetivo deve ser apenas o nosso contentamento, e todo o seu trabalho deve tender, em suma, a fazer-nos viver bem e a nosso gosto, como dizem as Sagradas Escrituras.

O filósofo iluminista Michel Montaigne, em seu texto “De como filosofar é aprender a morrer”², inserido em seus “Ensaio”, de 1505, ousa, conduzido pelo espírito da época, desconstruir uma concepção metafísica da morte como era percebida por ele até então. Percebendo a mente humana como movimento e tendo como ponto de partida as reflexões sugeridas pelo período helenístico, citando incansavelmente Cícero, Sêneca entre outros, “ele redefinirá totalmente a verdade, desligando-a de todo o fundamento de ordem transcendente e relacionando-a ao movimento espontâneo da vida...” (BRAHAMI, 2012, p. 73). Com isso, tentando sinalizar que a vida e a morte nada mais são do que movimentos complementares.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Preparação para a morte

Antepondo-se desde o começo às concepções metafísicas antigas, Montaigne explicita tal ideia da preparação para a morte ao afirmar que “filosofar não é outra coisa do que preparar-se para a morte”, pois “de toda sabedoria e inteligência resulta finalmente que aprendemos a não ter receio da morte” (MONTAIGNE, 2017 p. 48), acostumando-nos com a sua presença gradativamente.

Nessa perspectiva, podemos salientar que o seu olhar simples para tal reflexão não tem a pretensão de abarcar grandes temas como aferimos em alguns outros nomes na história da filosofia. Ele apenas propõe uma leitura mais prática de tal tema, sinalizando, assim, a desconstrução de temas que motivem uma leitura não natural da morte como, comumente, entendia-se na antiguidade, tais como imortalidade da alma, vida após a morte ou qualquer outra coisa do tipo:

²MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio I – De como filosofar é aprender a morrer*. Tradução de Sérgio Millet. Consultoria Marilena de Souza Chauí.; 5. ed. São Paulo: Nova Cultural. Coleção os pensadores. 1991.

[...] Amedrontamos nossa gente só em mencionar a morte, e a maioria se persigna, como diante do nome do diabo. [...] Porque essas sílabas atingiam muito rudemente seus ouvidos, e porque essa palavra lhes parecia de mau agouro, os romanos aprenderam a suavizá-la ou diluí-la em perífrases. Em vez de dizer ‘ele morreu’, dizem ‘ele parou de viver’, ou ‘ele viveu’. Consolam-se, contanto que seja vida, ainda que passada (MONTAIGNE, 1991 p. 38).

Essa ousadia estimulada pelo filósofo faz-se contemporânea na medida em que percebemos que o comentário sobre a morte é “permitido” a partir do momento em que se sugere alguma “recompensa”, algum “alívio” que, normalmente, é instituído no âmbito cultural ou religioso. Segundo o itinerário sugerido por Montaigne, ter medo da morte é viver em constante agonia, com o espírito inquieto, como se andássemos sempre na “corda-bamba”, sem um gozo pleno da vida. Sua ideia nesse ensaio é, de forma muito clara e despretensiosa, afastar, ou ainda desconstruir o medo da morte, estimulando, assim, um certo preparo para tal:

[...] Como sou homem que continuamente está incubando seus pensamentos e guardando-os dentro de si, a qualquer momento estou preparado, tanto quanto possa estar, e nada de novo me anunciará a chegada inesperada da morte. Devemos estar sempre com as botas calçadas e prontos para partir, tanto quanto de nós dependa, e sobretudo nos precaveremos para que então só tenhamos de tratar conosco mesmos. Pois temos bastante trabalho sem outra sobrecarga. Um se queixa, mas que da morte, de que ela lhe interrompe o curso de uma bela vitória; outro, que deve partir antes de ter casado a filha, ou controlado a educação dos filhos; um sente falta da companhia da mulher, outro, do filho, que eram os principais confortos de sua existência. Por ora estou em tal situação, graças a Deus, que posso me ir quanto Lhe aprouver, sem me lamentar de coisa nenhuma (MONTAIGNE, 1991 p. 38).

Desligo-me de tudo: minhas despedidas de cada um estão quase feitas, exceto de mim. Nunca um homem preparou-se para deixar o mundo mais pura e plenamente e desapegou-se mais completamente do que eu tento fazer. As mortes mais mortas são as mais saudáveis.

Sendo assim,

[...] Que importa quando será nossa morte, já que é inevitável? Àquele que dizia a Sócrates: “Os trinta tiranos te condenaram à morte”, ele respondeu: ‘E a natureza a eles’. Que tolice nos atormentarmos no momento em que se dá a passagem à isenção de todo o tormento! Assim como nosso nascimento nos trouxe o nascimento de todas as coisas, assim nossa morte trará a morte de todas as coisas (MONTAIGNE, 1991 p. 39).

Essa desconstrução é endossada por ele no trecho que escreve: “Tiremos dela o que tem de estranho; pratiquemo-la, habituemo-nos a ela, não pensemos em outra coisa; tenhamo-la a todo instante presente em nosso pensamento e sob todas as formas” (MONTAIGNE, 2017 p. 50). De qualquer forma, apesar da sugestão de um olhar natural sobre a morte, o filósofo entende que a inevitabilidade e a imprevisibilidade de tal acontecimento é o que mais aflige a grande maioria das pessoas, mesmo que passemos por uma vida com pouca dor e uma

insignificante taxa de sofrimento, inseridos em uma vida prazerosa, a morte não nos esquecerá. Como poderemos viver uma boa vida (prazerosa, virtuosa), se vivermos constantemente assolados pela sorradeira chegada dela? “Pois nenhuma noite sucedeu ao dia, nenhuma aurora à noite em que não se ouviram, misturadas aos tristes vagidos, as lágrimas acompanhando a morte e os negros funerais”, como afirma Lucrécio (MONTAIGNE, 2017 p. 47). A solução apontada pelo autor está na própria filosofia, como suporte para uma adequação dessa ideia de finitude, desde os primeiros momentos da vida até o seu fim.

Preparar-se para a morte seria, no caso, pensar nela até que essa ideia torne-se comum e cotidiana, ao ponto de desapegarmos-nos de sua imprevisibilidade e inevitabilidade, e também construir uma imagem mais familiar e próxima. Ele afirma:

Em meio às festas e aos divertimentos, lembremo-nos sem cessar de que somos mortais e não nos entreguemos tão inteiramente ao prazer que não nos sobre tempo para recordar que de mil maneiras nossa alegria pode acabar na morte, nem em quantas circunstâncias ela sobrevém inopinadamente (MONTAIGNE, 2017 p. 49).

Essa liberdade está incluída ao refletir sobre a morte alicerçada na medida em que quando nos livramos do medo, separando a falsa ideia de que a morte seria um mal. A sugestão proposta por Montaigne é a de uma vida virtuosa, ou seja, chegue ela quando tiver que chegar, mas que vivamos a vida, refletindo a morte como parte do processo de uma existência prazerosa, onde o mistério associa-se à vida e o prazer possa ser vivenciado de forma completa e contagiante, pois ninguém morre antes do tempo, não é verdade?

O filósofo ainda aponta para o infinito ciclo morte-vida, pois, como diria São Francisco de Assis, morte é ter medo da própria vida e temer ambas é atrapalhar o desenvolvimento da própria natureza, seja em um processo lento de morte ou ainda de forma súbita, pois “custa-me muito mais aceitar a ideia de morrer quando gozo de saúde do que quando estou com febre” (MONTAIGNE, 2017 p. 51).

Vemos, assim, que a nossa estrutura mental acolhe de forma menos pior a morte que ocorre gradativamente, fruto de um envelhecimento, uma doença crônica incurável, mas tratável, pois, assim, os prazeres vão se tornando cada vez mais distantes e o processo de desapego muito mais tranquilo de elaborar: “as flutuações a que se sujeita a nossa saúde, o enfraquecimento gradual que sofremos, são meios que a natureza emprega para dissimular-nos a aproximação de nosso fim e de nossa decrepitude” (MONTAIGNE, 2017 p. 52).

Em suma, dessa maneira, vimos que a reflexão de Montaigne a respeito da morte contribui qualitativamente na estruturação de um processo paliativo que inicia a partir da educação a respeito da morte, desconstruindo perspectivas de uma ideia não natural e tirando

do termo a perspectiva de algo mal. Não se foge da vulnerabilidade, da finitude, da brevidade da existência.

Neste sentido, filosofar é aprender a morrer, porque nos proporciona uma vida livre, prazerosa e consciente de que todos os seres vivos estão fadados à morte e, que acolhendo tal ideia, acolhe-se também a autonomia e a liberdade, reconceituando a eternidade como um momento bem vivido, tenha ele o tempo que tiver:

Qualquer que seja a duração de nossa vida, ela é completa. Sua utilidade não reside na duração e sim no emprego que lhe dais. Há quem viveu muito e não viveu. Meditai sobre isso enquanto o podeis fazer, pois depende de vós, e não do número de anos, terdes vivido bastante” (MONTAIGNE, 2017 p. 54).

2.2 Aprender a ser livre

Entendendo a morte como parte de um ciclo que vai muito além de uma terminalidade corpórea, Montaigne elenca duas formas de transformá-la em expressão vivaz de liberdade: o estudo e a contemplação. O estudo e a contemplação levam a uma profunda meditação e tal movimento nada mais é do que a materialização da própria liberdade, tão insistentemente defendida em seus ensaios.

Do nobre ao plebeu, do religioso ao ateu, a morte não faz distinção. É definitivamente um encontro que, em hipótese alguma, pode ser desmarcado. Seja na obra fílmica dirigida por Bergman, “O sétimo selo”, de 1971, seja nas mais tradicionais canções de réquiem, enfim, a morte é obrigatoriamente um dia a ser vivido e a proposta de Montaigne é que seja um bom dia a ser vivido, e que, aos poucos, criemos essa familiaridade, educando-nos e a entendendo, pois quanto mais proximidade tivermos da consciência dela, mais livres e menos angustiados tornamo-nos.

Aprender a morrer é aprender a viver. Negar a morte é negar a própria vida, é deixar de ser livre e entregar-se a uma profunda escravidão permeada pelo desespero, pela dor e pela ansiedade. A inevitabilidade, a imprevisibilidade é, segundo Montaigne, o maior susto, um desespero desenfreado que surge junto com uma sensação de vulnerabilidade e profunda impotência diante da ideia de que nada pode ser feito. E é com profunda serenidade que Montaigne deseja aguardar a morte: “Quero (...) que a morte me encontre plantando minhas couves, mas despreocupado dela, e mais ainda de meu jardim imperfeito” (MONTAIGNE, 2017 p. 54).

Montaigne ainda sinaliza para uma complementariedade entre vida e morte, destacando a impossibilidade de pensar em ambas separadamente e quando diz que, filosofar

é aprender a morrer, ele diz ao mesmo tempo o quanto salutar e importante é a educação para essa fase de terminalidade. Estamos todo o tempo morrendo e renascendo para coisas novas e para as mais diversas atividades de nosso cotidiano. Sendo assim, aprender a morrer significa aprender a ser livre de forma natural, sem as amarras da imprevisibilidade e naturalizando tal movimento através de uma profunda reflexão e um entendimento acertado do que é a vida e qual o seu sentido.

[...] A morte não vos diz respeito nem morto nem vivo. Vivo, porque existis: morto, porque não mais existis. Ademais, ninguém morre antes de sua hora. O tempo que abandonais não era mais vosso que o tempo que se passou antes de vosso nascimento: e tampouco vos toca. Onde quer que vossa vida acabe, ela está toda aí. A utilidade do viver não está na duração: está no uso que dele fizemos. Uma pessoa viveu muito tempo e pouco viveu. Atentai para isso enquanto estais aqui. Ter vivido bastante está em vossa vontade, não no número dos anos. [...] Tudo não se mexe como vos mexeis? Há coisa que não envelheça convosco? Mil homens, mil animais e mil outras criaturas morrem neste mesmo instante em que morreis (MONTAIGNE, 1991 p. 40).

Dar sentido à vida significa necessariamente viver com intensidade o tempo presente, tendo a consciência de que é o concreto que temos e a certeza de que passado e futuro são extremamente metafísicos para serem definidos como certezas.

2.3 O tempo

A questão do tempo, segundo Montaigne, também interfere, podendo criar essa intimidade com a morte, ou ainda afastar e endossar a perspectiva que, habitualmente, já temos dela. Viver com intensidade o tempo presente é a única garantia do real e do previsível. Essa vivência torna-se cada vez mais cervical, na medida em que esse tempo é vivido para si mesmo, deixando de lado tudo aquilo que desvia de uma profunda convivência com o tempo presente.

A ansiedade e a cobrança que normalmente fazemos o tempo todo é um mal que mais afasta-nos e causa estranheza, por exemplo, de algo tão natural como a morte. Montaigne vai recomendar a leveza no trato com o tempo. Leveza que pode ser traduzida em um mergulho integral na realidade e no mundo, mostrando que o estar corporalmente no hoje com a cabeça no amanhã só tende a retardar esse aprendizado para a morte.

A morte como um dia a ser vivido nada mais é do que esse esforço em viver pontualmente no terreno do hoje, crendo na incerteza do amanhã e deixando o futuro para o futuro. Deixando o futuro para quando ele for presente. Estar inteiro é entender que vida e morte não podem ser classificadas como boas ou más. Elas simplesmente são. É o que

fazemos delas que determina e, por isso, o tempo ajuda-nos a pensar, a educar-nos e a melhor preparar-nos para a morte.

3 Conclusão

Pensar sobre a morte, em nenhum momento, denota para o autor uma chave para a “salvação”, mas tem o objetivo de tranquilizar e, como foi expresso anteriormente, harmonizar de forma libertadora a cada ser pensante, tentando, através da educação, criar uma melhor perspectiva dela: “A premeditação da morte é premeditação da liberdade”. Ou ainda: “Quem ensinasse os homens a morrer estaria ensinando-os a viver” (MONTAIGNE, 2017 p. 54).

O pensamento de Montaigne aconselha-nos ao desaceleramento, mostrando o quanto é válido esse processo de entendimento, aceitação e convivência diária com a imprevisível e inadiável chegada da morte, vivendo intensamente o presente no tempo certo, sem antecipações nem retardos. A própria vida já auxilia nesse processo, pois nascemos e gradativamente vamos caminhando rumo à morte. Naturalmente, percebemos o advento da maturidade, que ocorre com o envelhecimento natural do corpo e também com que transforma o cotidiano ordinário em extraordinário, corroborando o desapego de coisas, ideias e até mesmo da própria vida.

Historicamente, percebemos um movimento interessante de distanciamento desse processo natural. Em um primeiro momento, os corpos dos entes e conhecidos são enterrados e celebrados em casa. Depois, o local dessa despedida é transferido para as igrejas. Na sequência, essa despedida começa a ser feita fora dos grandes centros, nas famosas necrópoles que chamamos de cemitérios e, hoje, na contemporaneidade, vemos esses cemitérios parecidos com jardins, sendo que, mais recentemente, temos ainda a “moda” das cremações, ou seja, os ritos voltam para dentro dos lares via “potes” ou “urnas”.

Sendo assim, é notória a ideia e o desejo ainda de afastamento ou de não identificação da morte. Estamos o tempo inteiro “jogando” com a morte, no intuito de descaracterizá-la ao ponto de não lembrar dela. Essa “queda de braços” entre o homem e a morte leva-nos a crer que os ritos, os túmulos, as sepulturas são, na realidade, estruturas que visam suavizar a morte, ou melhor, todos esses processos são, na realidade, para os vivos.

Seja na antiguidade, passando pelo medievo, desembocando na racionalidade positivista da modernidade e reverberando na subjetividade contemporânea, o medo e o afastamento da morte ainda permanecem.

A ideia de uma educação que a naturalize é também uma tentativa de derrubar certos tabus, trazendo para a nossa intimidade a “dona do terreno” pelo qual transitamos por toda a nossa existência, como salienta Montaigne.

Aguardar a morte, é educar e naturalizar a discussão sobre ela. O preparo para esse encontro intransferível e inadiável, segundo Montaigne, remonta uma espiral de perspectivas coloridas por religiões, culturas, medos, enfrentamentos e que tem a magnífica e temível possibilidade imprevisibilidade, que, conforme ele, em seus ensaios, surpreende-nos pela possibilidade de sequer podermos nos preparar para a vivência de tal encontro.

Referências

BRAHAMA, Frédéric. *Das Hipotiposes aos Ensaios*. Revista Sképsis, Ano V, número 8, 2012.

CARDOSO, Mateus Ramos & AMORIM, Wellington Lima. *Sobre a necessidade de morrer*. Filosofia Ciência & Vida. São Paulo, v.VI, n.87, pp. 15-23. Out/2013.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Editora Nova fronteira. Pág. 574. 2000.

DUARTE, B.T. *Leituras sobre o problema nos ensaios de Michel Montaigne*. 2012. 138f. Dissertação (Mestrado) - UFMG.

MAGEE, Bryan. *História da Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio I – De como filosofar é aprender a morrer*. Tradução de Sérgio Millet. Consultoria Marilena de Souza Chauí.; 5. ed. São Paulo: Nova Cultural. Coleção os pensadores. 1991.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio II – Da crueldade*. Tradução de Sérgio Millet. Consultoria Marilena de Souza Chauí.; 5. ed. São Paulo: Nova Cultural. Coleção os pensadores. 1991.

MONTAIGNE, M. *Ensaio*. São Paulo. Editora 34, 2017.

MONTAIGNE, M. *Os Ensaio* (Livro I, cap. XIX) (Cia. das Letras/Penguin). Tradução de Rosa Freire D’Aguiar.

ORIONE, Eduino José de. *A meditação da morte em Montaigne*. São Paulo, 2012. Tese de Doutorado. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo.

PLATÃO. *Fédon*. Tradução e notas de José Cavalcante de Souza. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural. Coleção os pensadores. 1991.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Da morte*. São Paulo: Martin Claret, 2006